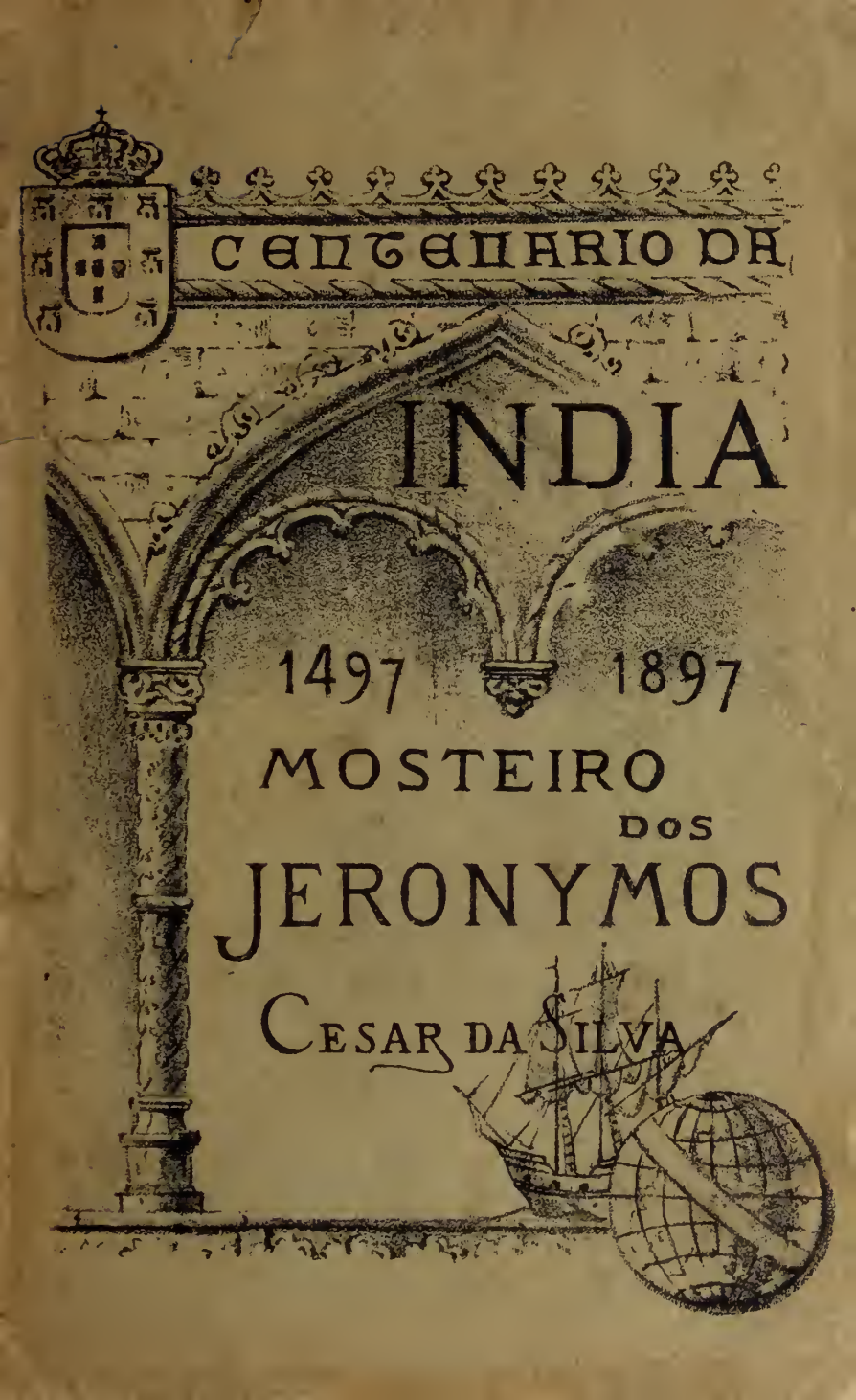
CENTENARIO DA
INDIA
1497 1897
MOSTEIRO
DOS
JERONYMOS
CESAR DA SILVA

Mosteiro dos Jeronymos

OBRAS DO AUCTOR

O Marquez de Pombal.

Principios de Arithmetica e systema metrico—Adoptados nas aulas da Real Casa Pia de Lisboa.

Noticia da Real Casa Pia—enviada ao congresso pedagogico de Madrid nas festas Colombianas.

Breve Historia da Real Casa Pia—com um prefacio do ex.mo sr. dr. Theophilo Braga.

Primeira viagem de Vasco da Gama á India.

O mosteiro dos Jeronymos, historia da sua origem e rapida descripção de suas bellezas—com um prefacio do ex.mo sr. F. S. Margiochi.

CENTENARIO DA INDIA

1497-1897

MOSTEIRO DOS JERONYMOS

Historia da sua origem e rapida descripção de suas bellezas

POR

CESAR DA SILVA

Qnand le tremblement de terre n'aurait laissé subsister aucun autre débris, et que toutes les chroniques seraient perdues, ce monument parlerait seul — l'âme marine du Portugal vivrait dans chaque pierre

EDGARD QUINET.

COM UM PREFACIO DO EX.mo SR.

F. S. Margiochi

EDITOR — BRITO NOGUEIRA

LISBOA
TYP. e LITH. BRITO NOGUEIRA
Rua d'Alcantara, 62-B

AO SEU VELHO AMIGO E MESTRE

Ex.mo Sr. Ludgero Vianna

D. C.

O AUCTOR

PREFACIO

Ex.mo Sr.

Convidado amavelmente por V. Ex.ª para ler e manifestar a minha opinião ácerca do seu trabalho mais recente, — uma monographia relativa ao Mosteiro dos Jeronymos e á monumental egreja de Santa Maria de Belem, não podia nem devia eu deixar de acceitar encargo para mim tão honroso.

V. Ex.ª poderia ter procurado uma auctoridade na litteratura ou na architectura. Não o fez e lembrou-se de mim. Penhora-me muito a sua deferencia.

O que direi do seu trabalho e da obra monumental, a que elle se refere?

O seu folheto tem um grande merecimento.

Escripto summario, ligeiro, tendo muito con-

densadas informações e dados preciosos, constitue elle um trabalho de divulgação de conhecimento do que é aquelle grandioso padrão das nossas antigas glorias.

E nunca são de mais as diligencias para incutir no espirito publico as noções da historia patria, a noticia dos factos importantes, o conhecimento dos homens de merito, a narração dos feitos heroicos e dos actos por qualquer motivo meritorios.

Nos paizes estrangeiros, a cada edificio importante corresponde sempre uma monographia, que descreve e dá noticia historica d'esse edificio.

Essas memorias, que se publicam até em linguas diversas, são avidamente adquiridas pelos visitantes nacionaes e estrangeiros.

Mas em Portugal, em Mafra, na Batalha e n'outros monumentos já está estabelecido esse louvavel uso, que é de grande utilidade.

O seu livro pois veio preencher uma lacuna importante.

Pouca gente tem hoje facilidade em lêr o *Panorama* ou o *Archivo Pittoresco,* que eram verdadeiras publicações de divulgação, onde se encontram magnificas descripções dos nossos edificios monumentaes ou que teem algum merecimento historico.

A apresentação d'um folheto como o seu constitue um relevante serviço.

Applaudo sempre os meios de divulgação do conhecimento de tudo quanto tem verdadeira importancia.

V. Ex.ª sabe que muitos photographos de Lisboa teem tirado *clichés* da Egreja e do claustro dos Jeronymos; pois nenhum se havia lembrado ainda de pôr photographias á venda no edificio, que é tão visitado por estrangeiros.

Convidei a isso o sr. Bobone, que amavelmente condescendeu, cedendo á Casa Pia uma importante percentagem do producto das vendas.

O sr. Bobone ainda não teve motivo de arrepender-se da sua annuencia.

Em vista do trabalho impertinente de fornecer esclarecimentos e informações a pessoas, que desejavam tomar conhecimento minucioso do estabelecimento denominado Casa Pia, convenci-me de que haveria vantagem na publicação de um folheto, em que summariamente se desse noticia da sua fundação, historia e organisação.

Escrevi a *Noticia*, que V. Ex.ª conhece e assim se divulga o conhecimento da instituição.

Occupei-me do seu trabalho.

Vou escrever algumas palavras ácerca da obra monumental.

Conhece V. Ex.ª pelos seus estudos e pelas suas investigações a historia e todas as phases da construcção.

Lamenta V. Ex.ª, como eu, que ao cabo de quatro seculos se encontre tão radicalmente transformado o verdadeiro, o authentico convento dos Jeronymos e que o moderno edificio esteja ainda por concluir, quando se trata de celebrar o quarto centenario do extraordinario acontecimento historico, que elle é destinado a commemorar.

Conhece V. Ex.ª aquella photographia existente na sala da provedoria e que foi offerecida pelo fallecido coronel Candido de Moraes, que a trouxera da Hollanda, creio eu, n'um de cujos museus encontrou um quadro a oleo representando a fachada completa do *verdadeiro* convento dos Jeronymos.

A praia tinha ainda as suas naturaes escabrosidades; não havia então os modernos aterros e jardins que tão grande realce dão ao sitio, mas a *verdadeira* fachada dos Jeronymos era aquella que lá está representada. E' a que V. Ex.ª apresenta no seu livro.

Depois nada direi do *que se fez*, nem do que se *desmanchou* e está ainda demolido, nem como se ha de acabar o monumento de D. Manuel. Mas o peor é que se pensa tambem em desmanchar a capella-mór da egreja... para harmonisar o estylo.

E assim se irão succedendo as gerações, assistindo á reconstrucção interminavel das historicas

edificações, que chegaram a estar concluidas e que por caprichos d'uns, por phantasia d'outros e por menos consideração e respeito pela arte e pela historia nos envergonharão perante os estrangeiros, que, não conhecendo a desorientação nacional, nos perguntarem, quando chegar o centenario, a razão pela qual não está ainda, ao cabo de quatro seculos, concluido o monumento commemorativo do grande acontecimento que tanto assombrou o mundo e que ainda hoje é considerado entre os mais importantes factores do adiantamento da civilisação.

Reiterando os meus agradecimentos pela sua amabilidade assigno-me

De V. Ex.ª
V.dor e am.º obg.do

Francisco Simões Margiochi.

INTRODUCÇÃO

Seriamente espinhosa foi a tarefa que nos propuzemos de fazer uma monographia do mais bello padrão das nossas glorias — o *mosteiro dos Jeronymos.*

A escacez de documentos, e porventura tambem a carencia de nossas faculdades investigadoras, a cada passo nos depararam empecilhos, alguns inteiramente irreductiveis, a difficultarem a execução do nosso encargo.

Como pudemos ahi compendiamos, nas paginas que seguem, o resultado de buscas pacientes e prolongadas, mas ainda ficou muito por fazer, com toda a modestia o confessamos.

Aquelle grandioso monumento, tão illustre pelas bellezas da sua architectura, e tão suggestivo pela memoria historica que representa, parece que foi fadado, desde o seu começo, a ser transformado em capa de pedinte, onde os remendos accumulados mal deixam distinguir a primitiva fazenda.

Feito aos pedaços, geralmente sobrepostos sem methodo nem criterio, a traça primitiva perdeu-se inteiramente.

Qual seria o projecto a que obedeceu a feitura da parte principal do historico monumento? Devia ser grandioso, por certo, mas ninguem o póde adivinhar no apontuado desconnexo de edificações que actualmente constituem o mosteiro.

Por isso, diante d'aquella molle de construcções de architecturas variadas e heterogéneas, tanto o artista que vae estudar-lhe as bellezas, como o historiador que lhe vae investigar as origens, ambos se encontram egualmente embaraçados, perdidos mesmo, na disparidade architectonica que se lhes apresenta, d'onde é tão difficil destrinçar uma orientação esthetica, como é arduo esmiuçar uma resenha historica.

Ha perto de quatro seculos se trabalha na construcção d'aquelle monumento e Deus sabe se ella algum dia acabará!

A longos periodos de abandono tem succedido épocas de febril anciedade de o terminar, mas esse afan enthusiastico tem sempre arrefecido antes da conclusão da obra, d'onde resulta que o mosteiro de D. Manuel, a joia mais preciosa da architectura manuelina, o padrão mais preclaro das nossas glorias, mais nos tem servido até hoje de vergonha, pelo desleixo que manifesta, do que de justificado orgulho.

Agora, que a proxima celebração do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, fez vibrar a alma nacional, o mosteiro dos jeronymos não podia deixar de ser posto em foco, e a necessidade imperiosa de o concluir apresentou-se nitida a todos os espiritos como um dever patriotico.

Abriu-se concurso para apresentação de projectos de conclusão do mosteiro, e a elle concorreram trabalhos de grande valor, d'entre os quaes mereceram o primeiro premio o projecto do sr. Parente da Silva, para o annexo, e o do sr. Adães Bermudes para o templo

A estes mesmos senhores foram conferidos tambem os segundos premios: a um pelo annexo e ao outro pelo templo.

Estão pois consagrados os desenhos a que ha de obedecer a

importantissima obra da conclusão dos Jeronymos, falta só executal-a.

Será agora mais feliz o remendado monumento?

Irá a cabo, d'esta vez a conclusão d'um trabalho que o proprio decoro nacional impõe como imprescindivel obrigação? Praza a Deus que sim!

Nuncio das nossas grandezas d'outr'ora, sentinella perdida dos templos gloriosos que enalteceram Portugal e o tornaram conhecido e respeitado por quasi todo o mundo, o mosteiro dos Jeronymos constitue para todos nós um monumento sacrosanto, ara piedosa de nossas offerendas patrioticas, recinto venerado de todas as recordações emotivas da nossa historia.

Ali é que deve ser o pantheon portuguez, unindo assim, n'uma promiscuidade encantadora, as glorias de todos os tempos.

Mas é indispensavel que se conclua o mosteiro, que se organise com methodo esse pantheon; abrindo-o depois a todas as celebridades que mereçam tal glorificação.

CESAR DA SILVA.

Aspecto do mosteiro nos fins do seculo XVI--copia d'um quadro existente no muzeu de pintura de Haya.

I

Começo da construcção do mosteiro -- Rendimentos que lhe fôram consignados -- A egreja velha do Rastello -- Doação d'esta aos freires Jeronymos -- Escambo que se fez com os freires de Christo -- Incerteza de quem foi o architecto -- Castilho, Potassi e Boutaca -- Transição do estylo gothico para o classico -- O estylo manuelino -- Qual era o local da egreja velha? -- Difficuldades da construcção -- Fallecimento de D. Manuel -- Estado em que se encontravam então os trabalhos -- Proseguimento d'estes -- Reconstrucções posteriores -- A Casa Pia -- José Maria Eugenio d'Almeida.

Da grande epopêa do descobrimento do caminho maritimo para a India ficaram a Portugal, além d'um logar importante entre as nações da Europa e d'um nome immorredouro nos fastos da historia, dois monumentos grandiosos, testemunhos gigantes d'essa gloria e padrões seculares da época de grandezas que assignalou o reinado do nosso rei *venturoso*.

Esses monumentos são o grande poema de Camões — os *Luziadas* — e esse outro admiravel poema, em pedra — que se chama Mosteiro dos Jeronymos.

Em memoria do grande feito de Vasco da Gama o mandou erguer D. Manuel, para d'este modo pagar á Divindade as primicias do esplendor que tal successo vinha trazer ao paiz e ao seu reinado.

Chegou Vasco da Gama ao Tejo em 29 de agosto de 1499,[1] e logo n'esse anno, e com avantajada parcella das riquezas trazidas da India, se tratou da construcção do monumental convento, imaginando-se-lhe logo a traça de esplendorosa magestade, propria a perpetuar um facto de que se anteviam tão risonhas e magnificas consequencias.

Gaspar Corrêa, após uma larga resenha das mercês concedidas por D. Manuel ao Gama e aos seus ousados companheiros, mercês que se tiraram do producto d'essa primeira viagem, exprime-se d'este modo: «El-rey com muytos contentamentos, dando a Nosso Senhor muytos louvores por lhe fazer tamanha mercê no começo do seu reinado, mandou logo pelo bispo de Granada offerenda a Nossa Senhora da Agua de Lupe, que foi com D. Vasco, a offerecer o collar que dera el-rey de Cananor, com alguns pannos ricos, etc. e *assi deu ao mosteiro de Belem grossa offerenda.* E a outras casas santas e mosteyros de beatas, que

---

[1] Sobre a data da chegada de Vasco da Gama a Lisboa, na volta do descobrimento do caminho maritimo para a India, divergem os escriptores que se tem referido ao facto, collocando-a uns em 29 de julho, outros no mesmo dia d'agosto, e ainda alguns em começos de setembro. Parece, todavia, que não deve haver duvida sobre a data que apontámos — 29 d'agosto — pois é a preferida por Mendes Leal na sua *Nota sobre o verdadeiro dia da chegada a Lisboa de Vasco da Gama,* apresentada á academia real das sciencias.

todos dessem muytos louvores a Nosso Senhor pela tamanha mercê etc.» [1]

Logo mais além, fallando Gaspar Corrêa dos preparativos para a viagem de Pedro Alvares Cabral e descrevendo as condições com que se trataou do alistamento da tripulação dos navios, condições que se expuzeram na porta da Casa de Mina, e que já tinham caracter de permanentes para as armadas que seguidamente se esquipassem, diz que: «o capitão-mór haveria por viagem dez mil cruzados e quinhentos quintaes de pimenta comprados com o seu ordenado, ao preço que el-rey a comprasse, e dez caixas forras, de que não pagaria direitos senão *os dizimos a Deus para o mosteiro de Nossa Senhora de Belem.*» [2]

A toda a mais gente da equipagem se concedia o direito, cada um consoante a sua graduação, de comprar pimenta na India para a vender depois, mas a todos se estendia o encargo do sobredito *dizimo,* para o mesmo fim.

De maneira que não só foram applicadas á construcção algumas sommas das primeiras riquezas trazidas por Vasco da Gama, mas até se fez logo uma estipulação dos rendimentos com que ella devia proseguir.

A esquadra de Pedro Alvares Cabral sahiu do Tejo em março de 1500. Data pois d'esse anno, ou ainda

---

[1] *Lendas da India* — pag. 143.

[2] Idem — idem.

talvez do antecedente, a consignação dos primeiros redditos com caracter permanente para o monumento de Belem.

Foram depois muito augmentados, como se vê do testamento de D. Manuel, em que este diz: «tenho dado em minha vida a Nossa Senhora de Belem a vintena do dinheiro das partes da Mina, e a vintena das mercadorias e coisas das partes da India e não do meu, segundo é decrarado em sua doação, encommendo que lhe não seja tirada até se acabar pela dita renda a Caza na fórma em que a tenho ordenado e mandado fazer.»

O logar assentado para a construcção foi, como era natural, a praia do Rastello, aquella de que partira Vasco da Gama para a grande empreza do descobrimento do caminho maritimo da India.

Existia ali, como se sabe, uma pequena egreja e umas habitações que o infante D. Henrique fizera construir e que doara á ordem de Christo—a sua poderosa e efficaz auxiliar nos famosos emprehendimentos maritimos que illustraram e immortalisaram o nome do sublime filho do Mestre d'Aviz.

N'essas habitações residiu o infante algumas temporadas, assistindo á partida das caravellas que mandava em busca de descobrimentos.

N'essa praia haviam embarcado Vasco da Gama e seus companheiros depois de ouvida missa, com grande solemnidade, na ermida do Rastello.

Parece que esse logar do rio era muito azado para ancoradouro, e que de preferencia o escolhiam os nautas para fazerem o carregamento dos seus barcos.

Transformado como está ao presente, impossivel se torna fazer uma idêa, senão muito hypothetica, da forma que tinha então; é fóra de duvida, porem, que n'esse ponto da praia devia existir uma profunda reintrancia, e basta, para provar esta affirmação, saber-se que a torre de Belem, hoje na terra firme, foi construida no meio da agua, e que entre ella e a terra passavam navios, como se vê nas estampas antigas de Lisboa.

O ancoradouro seria pois a bahia que se formava ali, ao fundo da qual se levantou a ermida do Rastello, e depois o sumptuoso monumento.

E' preciso notar, porém, que a ermida não foi deitada a baixo para no seu logar se construir o mosteiro. As duas egrejas coexistiram por alguns annos, como provaremos mais adiante.

Algum tempo antes havia D. Manuel feito doação da referida ermida, casas de habitação, pomares e todos os mais pertences, á ordem de S. Jeronymo, que n'esse tempo ainda só tinha em Portugal os conventos de Penha Longa, em Cintra, e outro em Alemquer. [1]

A' ordem de Christo foi dada pelo monarcha ra-

[1] *Mappa de Portugal* — J. B. de Castro.

soavel compensação com a posse d'um edificio na grande Judiaria, ou Villa Nova, para os lados da Ribeira Velha, edificio que fôra uma synagoga, e que foi convertido em egreja christã com a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

E' a *Conceição velha,* como vulgarmente se lhe chama.

A architectura magnifica da sua porta, em tudo similhante ao estylo do mosteiro, prova que D. Manuel se empenhou em satisfazer os freires de Christo, a quem deu, além d'isso, largas rendas em substituição do que perdiam com a sua sahida de Belem.

A ermida do Rastello foi doada aos frades jerony-mos em 1498, como se vê do traslado d'essa doação inserto nas *Provas da Historia geneologica da Casa Real Portugueza* t. II pag. 255.

N'esse documento diz o real doador «que vendo como o assento e sito de *Santa Maria de Belem,* que está uma legua a par d'esta nossa cidade de Lisboa assy por ser na praya do mar e de cerqua da dita cidade, como por ser logar a que vem aportar e ancorar muitas náos e navios e gentes, assy de estrangeiros como de naturaes, he logar apto e pertencente para n'elle se fazer um mosteyro e casa honesta em que possam estar religiosos que devotamente ministrem e façam o officio e culto divino e agazalhem os pobres estrangeiros confessando-os e dando-lhes os outros Sacramentos quando lhes mester fezerem, e por

quanto nós ora ouvemos o dito logar de Belem da ordem de Christus..... damos doamos e fazemos esmolla entre vivos valledora, doje para todo o sempre, ao provincial, frades e eremitas do Bemaventurado Sam Jeronimo, cujo devoto fomos, viventes sobre a regra de Santo Agostinho, e aos que depois elles vierem, que sob a dita regra viverem, do dito nosso logar de Belem etc »

Pelo contexto de todo o documento, e principalmente pela passagem que trasladámos para aqui, se tiram duas conclusões que, embora não tenham alta importancia historica, não são todavia despidas de curiosidade, por aclararem um assumpto em que geralmente tem errado quasi todos os escriptores que a elle se referiram.

Primeira — que a denominação de Santa Maria de Belem já pertencia á egreja velha, e porventura seria essa a sua invocação, sendo Rastello ou Rastrello um nome generico.[1] Segunda — que D. Manuel já tinha doado a ermida de Santa Maria de Belem aos frades

---

[1] *Rastrello* é o nome que se encontra nos documentos da época: transformou-se depois em Rastello, e finalmente no actual Restello, onde o *a* da primeira syllaba foi substituido, sem razão plausivel, por um *e*.

Não podemos concordar com esta ultima fórma, nem a usaremos.

jeronymos antes mesmo de pensar na construcção do magnifico monumento, pois nem sabia ainda, em 1498, qual seria o resultado da expedição do Gama.

Suppõe-se vulgarmente, e affirmam-no até escriptores de nota, como Faria e Souza na *Europa Portugueza*[1] e o abbade de Castro na sua *Descripção do Real Mosteiro de Belem,*[2] que D. Manuel, ao mesmo tempo que entregara o mosteiro aos frades de S. Jeronymo, lhe trocara o nome pelo de Belem, e isto em memoria da peregrinação que o santo doutor da egreja fizera á terra que foi berço do Redemptor e á devoção com que ahi se demorara na adoração d'aquelles logares.

O motivo apresentado é pueril, mas ainda mesmo que o monarcha o fizesse, não deixaria de mencionar tão importante determinação no alludido documento, aliás bastante minucioso nos encargos com que era conferida aos monges aquella nova residencia.

Parece-nos que o nome da praia era já de longa data Belem, e que *Rastrello* era uma designação generica dos logares de ancoradouro. Pelo menos encontramos para as bandas de Santos outro local antigamente denominado *Rastrello novo,* talvez para o differençar do de Belem, que seria o *Rastrello velho.*

---

[1] T. II pag. 511.

[2] A pag. 10.

A titulo de curiosidade daremos algumas das principaes obrigações tomadas pelos frades jeronymos e contidas no referido documento. Como se verá não eram difficeis de satisfazer.

Que todos os dias se dissesse uma missa por alma do infante D. Henrique, como fundador d'essa egreja, e assim por alma d'elle (doador) e successivamente pela de todos os seus successores. E *por todo o sempre*, ajunta a doação.

Que o sacerdote que dissesse a missa se voltaria para os fieis, no momento de lavar as mãos, dizendo: «rogai a Deus por alma do infante D. Henrique, primeiro fundador d'esta casa, e pela de el-rei D. Manuel que a doou á nossa ordem.»

Que no fim de todas as matinas e completas se dissesse a oração a Nossa Senhora que começa: *Deus qui de Beatæ Mariæ Virginis utero verbum tuum Angelo nunciante carnem suscipere voluiste, presta suplicibus adjuvemur.* E ainda mais, que no fim de todas as matinas fariam especial commemoração por elle doador a S. Miguel e a S. Jeronymo. E mais nada.

Por tão pequeno incommodo se lhes trocavam os fraguedos de Cintra pelas amenidades da praia do Rastello!

Tira-se ainda outra illação do documento, mas essa referida exclusivamente á ordem de Christo.

E' sabido que essa ordem era simultaneamente militar e religiosa, tendo no seu instituto, a par dos de-

veres concernentes á guerra, outros de feição puramente sacerdotal.

Fica porém demonstrado, visto que o pretexto invocado por D. Manuel para entregar a ermida aos religiosos jeronymos foi exclusivamente a necessidade de manter n'aquella praia quem ministrasse sacramentos aos marcantes ali aportados, que os freires de Christo, com o decorrer do tempo, inteiramente haviam abandonado os cuidados da religião, e que mais os preoccupavam as aventuras nauticas, e, quem sabe, os interesses commerciaes, que os serviços divinos — a armadura de guerreiros substituira os habitos sacerdotaes.

A religião do interesse ia já tendo n'essa época subida cotação no mercado da vida.

O convento da Penha Longa, em Cintra, fôra fundado por D. João I, e n'elle existiram sempre frades, mas poucos, até que D. Manuel os transportou para Belem.

O convento tornou-se propriedade da corôa, e diz-se que D. Manuel o frequentava bastante, principalmente depois que a demora em chegarem as náos de Vasco da Gama o preoccupava vivamente.

Das eminencias da serra interrogava anciosamente D. Manuel a immensidade oceanica, que se lhe estendia em frente, como a pedir-lhe uma noticia, uma esperança d'essa expedição aventurosa.

E em Cintra o colheu effectivamente a noticia da

chegada á Terceira da esquadra do Gama. Trouxe-lh'a, segundo affirma Gaspar Corrêa,[1] um tal Arthur Rodrigues, que n'aquella ilha vira surgir as náos vindas da India, e que se antecipara a vir no seu caravellão trazer tão grata nova a el-rei.

Tambem foi n'esse retiro de Penha Longa ou Pera Longa, como apparece nos antigos documentos, que D. Manuel fez o seu testamento.

*

* *

E' vulgar ficarem o inicio das grandes obras, bem como os principios das antigas civilisações, envolvidos nas brumas lendarias d'uma tradição phantastica e pittoresca, d'onde a investigação historica em vão procura desvendar qualquer fio, que possa, como o de Ariadna, conduzir á genuina realidade dos factos.

O que se dá com a famosa Roma, com a caprichosa e artistica Grecia, com a Assyria e com o Egypto, emfim, com todas as outras grandes civilisações, de que a tradição nos dá sómente umas lendas, por vezes extravagantes, para explicar os seus começos, — dá se tambem por sua vez, com os monumentos.

Em volta de cada uma d'essas construcções, a que

---

[1] *Lendas da India* — t. I pag. 138.

o pó de muitos seculos tostou as faces, e o perpassar de muitas gerações deixou perder a origem, se formaram logo lendas maravilhosas a mascarar-lhes não só os principios da sua fundação mas até a intenção do seu destino.

Bem perto de nós se deparam alguns exemplos frisantes. Onde se poderá encontrar uma noticia segura a respeito das origens da Sé de Lisboa? E da Sé de Coimbra? E de S. João de Alporão de Santarem? E de tantos outros monumentos cuja historia se occulta por detraz dos mil contos ingenuos de lareira?

E' que o espirito do vulgo se praz de architectar phantasias a respeito de tudo que o maravilha, e de boa mente abandona a verdade genuina, para abraçar e dar curso ás mais extraordinarias invenções, comtanto que tenham por fundamento o maravilhoso.

Por isso, a respeito de cada facto ou de cada objecto que, por sua magnitude impressiona essa creança eterna — o povo — se forjam logo bastas lendas, que, sobrepostas umas ás outras, com o decorrer dos tempos, misturadas e confundidas ao sabor da phantasia, vão finalmente constituir um sendal impenetravel que desnorteia completamente toda e qualquer tentativa de investigação rigorosa.

O mosteiro dos Jeronymos, embora construido em época relativamente proxima, e não obstante os documentos irrefragaveis que assignalam o momento da sua construcção e esclarecem alguns dos pormenores

dos seus primeiros tempos, nem por isso escapou inteiramente ás ficções da inexgotavel phantasia popular, e d'ellas ficou pendente uma interrogação desagradavel.

Quem foi o seu primeiro architecto?

Qual foi o artista que delineou aquella esplendida molle de cantaria e esquissou todas essas preciosidades esculpturaes que a enriquecem?

Aqui principia a lenda, e não é coisa facil apurar uma resposta clara e precisa que esclareça esta duvida.

Tres auctores hão principalmente tratado com algum desenvolvimento d'aquella famosa construcção—o abbade Castro e Souza n'um folheto publicado em 1837, [1] Ribeiro Guimarães no seu *Summario de varia historia* [2] e acima de tudo, com o criterio consummado que todos lhe confessam, o abalisado Warnhagen, que descreveu o monumento em artigos publicados no volume do *Panorama,* respectivo ao anno de 1842, artigos que depois foram condensados n'um folheto sahido a lume no mesmo anno.

Em muitas outras obras se encontram referencias aos Jeronymos, mais ou menos desenvolvidos, que citaremos no decorrer d'este nosso trabalho, mas todas

---

[1] Tem por titulo — *Descripção do Real Mosteiro de Belem.*

[2] No vol. III, pag. 3.

ellas tem pequeno valor em comparação da largueza com que os auctores indicados se occuparam do assumpto.

Sendo nosso proposito apurar simplesmente o que sobre aquelle monumento se tem escripto, reproduzir as differentes opiniões e formar com ellas um conjuncto que, tanto quanto possivel, reconstrua a historia da sua fundação, serão aquelles livros o principal fundamento d'esta monographia.

Cotejando-os com escrupulo, comparando as asserções differentes que produzem, e, emfim, passando tudo pelo cadinho do nosso criterio, que a longa pratica de ver e admirar aquella maravilha, dentro da qual passamos uma parte da nossa vida, necessariamente terá esclarecido, esperamos fazer uma obra a que a sinceridade e o rigor contrabalancem o merito litterario que não temos.

E' indubitavel, vistas as referencias que já citámos das *Lendas* de Gaspar Corrêa, que os primeiros trabalhos para o mosteiro se começaram ainda em 1499. O abbade de Castro affirma que a primeira pedra para a construcção fôra solemnemente lançada no dia de Reis de 1500, isto é, a 6 de janeiro, e que D. Manuel procedera a essa cerimonia por sua propria mão.

Não nos dá o auctor documento algum que certifique a sua affirmativa, justifica-a porém com uma razão que não deixa de ser acceitavel—é o facto de ter sido collocada sobre a porta virada para o sul, a mais

importante e apparatosa, uma imagem de Nossa Senhora dos Reis.

Ribeiro Guimarães corrobora essa opinião e é bem natural que fosse tal dia o escolhido para a solemnidade, resultando d'ahi a existencia d'essa imagem encimando e honrando a magestosa entrada do templo.

Deve porém notar-se que sobre a porta principal, que deita para oeste, existe um bellissimo relevo representando o Natal de Christo, e, se fossemos a argumentar por indicios, poderiamos attribuir a existencia d'esse relevo ao facto de ter sido o dia de Natal de 1499 o escolhido para lançamento da pedra fundamental do mosteiro.

Outra data encontrámos ainda no bello artigo com que Mendes Leal acompanha a gravura dos Jeronymos nos *Monumentos de Portugal*. Essa data é a de 21 de abril de 1500, mas não produz argumento algum de valor que faça preferir esse dia a outro qualquer.

Fica portanto a duvida.

Fosse qual fosse, porém, o dia assignado para o começo da obra, o que é innegavel é ter começado a construcção, ou, pelo menos, os preparativos para ella, ainda em 1499.

Mesmo que fosse o dia 21 de abril o da inauguração dos trabalhos, antes d'elles se devia ter feito o plano geral, e por força alguns desenhos dos pormenores, e, para que tudo estivesse prompto n'esse dia,

indispensavel se tornava ter principiado o projecto ainda no anno antecedente.

Portanto, a fundação dos Jeronymos póde, quasi sem receio, attribuir-se ao anno da chegada a Lisboa de Vasco da Gama, isto é, em 1499.

Mas outra duvida se apresenta já, e sobre esse ponto, aliás muito mais importante, surgem tantas divergencias, que impossivel se torna chegar a uma difinitiva conclusão.

E' saber quem foi o primeiro architecto de tão grandioso mosteiro.

O abbade de Castro apresenta como tal um artista italiano de nome Potassi. Diz elle: «Tinha el-rei alguma sciencia de architectura, consulta os peritos na arte, visita com alguns d'elles os templos de Lisboa, notando as perfeições e as faltas que n'elles se descobrissem, para se imitarem umas e para se fugir d'outras; apresentam-se e cotejam-se varias plantas, porém entre todas ellas mereceu ter preferencia no seu agrado a do celebre architecto João Potassi, italiano de nação, que se achava em Portugal.» [1]

Esta opinião, que aliás ninguem partilha, por não haver documento valioso que a confirme, só tem por si, que saibamos, uma referencia que se encontra n'uma memoria enviada pela communidade dos Jero-

[1] Pag. 9.

nymos a el-rei, por causa d'uma pretensão relativa ás arcadas do dormitorio. N'essa memoria se diz effectivamente ter sido um tal *Putacha* (já é differente) que delineou e iniciou a obra do mosteiro, dirigindo-a durante alguns annos.

Mas o abbade de Castro nem cita esta memoria, nem por outro modo procura provar o seu asserto, que, como se viu, é terminante.

Ribeiro Guimarães transcreve na sua noticia alguns periodos d'esta memoria, sem comtudo lhe ligar nenhuma importancia relativamente ao primeiro architecto de Belem.

O erudito Warnhagen, sem fazer affirmações cathegoricas, por lhe faltar documento authentico em que se baseie, inclina-se todavia a attribuir o risco do mosteiro a um grande artista portuguez, João de Castilho, que floresceu no reinado de D. Manuel e foi auctor de algumas construcções que ennobreceram aquella época.

Não resta duvida que este architecto dirigiu por alguns annos a construcção das capellas imperfeitas da Batalha, sendo nomeado para esse cargo a 4 de julho de 1528, em substituição de Matheus Fernandes (filho) que fallecera: e que antes d'isso trabalhara nos Jeronymos, pois existe na torre do tombo um alvará de 23 de setembro de 1522 pelo qual el-rei D. João III manda «que se pague ao dito Castilho mil cruzados por conta da empreitada com elle novamente

ajustada sobre o fazimento das abobadas e pilares do cruzeiro da egreja.»

Mas não se póde concluir d'isto que fosse elle o auctor do risco primitivo. Seria apenas um executor do traçado que o primeiro architecto elaborou, assim como na Batalha foi presidir ao proseguimento d'outro risco egualmente alheio.

Nem é de presumir que D. João III o afastasse das grandes obras dos Jeronymos, que continuaram até depois de 1551, se porventura fosse d'elle a sua traça inicial. Começava e acabava, é naturalissimo.

Mas ainda outro argumento se apresenta a contestar qualquer supposição de que fosse Castilho o primeiro architecto de Belem.

Sabe-se como certo, e Ribeiro Guimarães bem como Mendes Leal, o provam com argumento irrecusavel, que João de Castilho fallecera em 1581. Ora, tendo começado a fundação do mosteiro em 1499, era impossivel que elle tivesse n'essa época a idade e a experiencia necessarias para que lhe fosse confiada uma obra de tal magnitude, á qual D. Manuel queria dar grandeza que correspondesse ao facto extraordinario que devia perpetuar.

Embora tivesse deixado de existir na provecta edade de cem annos, ainda assim teria apenas, em 1499, dezenove annos, e não é em tal edade que um artista, por mais sublime que seja, consegue ter o renome bastante para merecer encargo de tal modo transcendente.

O facto de vermos reproduzir-se o mesmo gosto architectonico em todas as obras por onde transitou Castilho, prova apenas que esse estylo, com muita propriedade chamado manuelino, foi o dominante da época e que por elle se apaixonaram, não só Castilho, mas todos os architectos seus contemporaneos. Em Monchique, por exemplo, ainda existem os restos d'um convento em que brilham os encantos da architectura manuelina; todavia não consta ter ali estado Castilho.

E' pois outro nome que fica fóra do combate.

O terceiro, aquelle que tem por si mais opiniões e mais probabilidades, e além d'isso o que foi conservado pela tradição popular, é Boutaca ou Boytaca, pois d'ambas as fórmas nos apparece orthographado.

Em volta d'este nome se reune a maioria dos suffragios, acclamando-o como unico delineador da parte mais bella e mais importante do mosteiro, isto é, o corpo e o cruzeiro da egreja, a parte inferior da crasta, e o refeitorio.

Mas admittindo este nome como o do verdadeiro constructor do monumento ainda fica uma duvida a resolver: Boutaca era portuguez ou italiano?

A opinião mais seguida é que era italiano.

Pelas memorias da construcção do convento de Jesus, da cidade de Setubal, sabe-se que D. João II mandou vir de Italia um architecto d'esse nome, para delinear aquelle mosteiro.

Ha mesmo uma chronica, escripta no seculo XVII por uma das monjas do convento, que affirma esse facto.

Esteve pois em Portugal, e antes da edificação dos Jeronymos, um architecto chamado Boutaca, — d'isso não ha duvida, — e esse facto é já um bom indicio confirmativo da tradição que dá esse nome como o do primeiro architecto dos Jeronymos.

O convento de Jesus foi mandado fazer por uma Justa Rodrigues Pereira, embora com o auxilio de João II, e esta dama foi quem amamentou D. Manuel. [1]

O tempo que medeou entre as duas construcções não podia ser muito longo, e não é muito de admirar, portanto, que o tal Boutaca fosse o constructor d'um e d'outro.

Do que deixamos dito não se deduz uma prova irrefutavel, bem sabemos, mas deixa bem indiciada a tradição.

Opina porém Ranczynski, fundando-se em argu-

---

[1] Justa Rodrigues, que pela sua piedade e devoção, manifestada nos ultimos annos, mereceu que Damião de Goes dissesse d'ella «que a todo o genero de mulheres dava exemplo de virtudes» fôra, quando nova, amante do bispo de Ceuta, D. João Manuel, filho bastardo de D. Duarte. Serviu a D. Manuel de agente politico n'alguns casos intrincados, e n'elle encontrou a mais completa protecção.

mentos valiosos, que Boutaca era portuguez. E Mendes Leal, [1] louvando-se n'esta opinião, até a corrobora dizendo que nos arredores de Belem existia um logar chamado *Botaca,* e tira d'esta identidade de nomes a conclusão de que o architecto era portuguez.

Ora a verdade é que o facto de D. João II ter chamado de Italia aquelle architecto não constitue uma prova de que elle fosse italiano.

E' caso averiguado que durante o tempo d'esse monarcha, e ainda no reinado seguinte, muitos artistas portuguezes se foram aperfeiçoar ao estrangeiro, principalmente a Paris e a Roma, subsidiados pelo estado ou pelo bolsinho dos monarchas. Citaremos por exemplo Gaspar Dias, pintor, a quem Warnhagen chama *artista viajante.* O sr. Ramalho Ortigão, no seu recente e precioso livro *O culto da arte em Portugal,* diz que d'uma só vez se chegaram a reunir em Paris cincoenta pensionistas portuguezes.

Pode muito bem ser que Boutaca fosse um d'elles.

Mas tudo isto são hypotheses, já se vê.

O *Dicionario enciclopedico español y americano,* que não citamos como auctoridade, mas sim a titulo de coisa curiosa, diz que Boutaca era portuguez. Indica-o como constructor do convento de Jesus de Setubal, e como um dos mais habeis architectos que tra-

---

[1] *Monumentos de Portugal,* artigo *Jeronymos.*

balharam nos Jeronymos, não sendo comtudo o primeiro. Diz que depois passou á Africa, onde construiu algumas fortalezas.

E' evidente haver aqui uma confusão com o architecto Castilho. Tambem este, depois de trabalhar em differentes obras do paiz, se transferiu para os dominios portuguezes do norte da Africa, e ahi delineou a fortaleza de Mazagão, tão celebre pelo assedio que soffreu durante a regencia de D. Catharina.

N'outras praças africanas trabalhou ainda o insigne architecto, nos quatro ou cinco annos que permaneceu nos territorios portuguezes do outro lado do estreito.

Quasi que só resta um unico argumento a favor da opinião de que Boutaca fosse italiano, e esse é o proprio nome do architecto, que é indubitavelmente italiano.

Mas este é de pouco valor, como se vê. Podia Boutaca descender de paes estrangeiros e ser portuguez por nascimento.

Tão pouco se sabe com certeza se Castilho era nosso compatriota. Dizem alguns auctores que sim, e até lhe dão Thomar como berço; mas o seu appellido é hespanhol, e sabe-se que era oriundo d'uma familia biscainha. Todavia consideramol-o como portuguez.

Portugal produziu por essa época artistas notaveis, tanto pintores como architectos. Bastará citar os nomes de Affonso Domingues, o celebre architecto da Bata-

lha,[1] Gaspar Dias, Matheus Fernandes, Francisco d'Hollanda e tantos outros que tão altamente ficaram consignados na historia da arte nacional.

Mas fosse portuguez ou não, o tradicional Boutaca, o que é certo é que só existem indicios de ser elle o auctor d'aquella obra.

Prova indiscutivel não ha nenhuma.

Tem sido baldadas todas as buscas para encontrar, em qualquer parte do mosteiro, uma assignatura, uma sigla qualquer, que possa trazer um raio de luz a desvendar o mysterio de quem foi o primeiro architecto d'essa grandiosa fabrica.

Apenas existe n'uma das columnas do cruzeiro — a da parte do evangelho—um medalhão com um busto, que é muito provavel que seja o do architecto primitivo. E mais nada.

E' para lamentar que não exista um documento que esclareça tal duvida.

---

[1] Cahiu já no dominio de pura lenda a opinião de ter sido Affonso Domingues o architecto que deu o risco para o sumptuoso mosteiro do *Mestre d'Aviz*. O sr. Ramalho Ortigão, no livro já citado, demonstra a impossibilidade de ter sido aquelle o principal architecto do monumento. Murphy, que estudou minuciosamente aquelle mosteiro, attribue a um architecto inglez, Sthephenson, o risco primitivo. Em todo o caso Domingues foi um dos continuadores da obra o que já basta para lhe dar celebridade.

Se houve algum, perdeu-se, ou está occulto em parte onde a ninguem é util.

Os dois auctores mais antigos que se referiram ao mosteiro—João de Barros, nas *Decadas*, e Damião de Goes na *Chronica de D. Manuel*, não dizem uma palavra sequer, a respeito de quem fosse o auctor do grandioso mosteiro. Todavia não podiam deixar de o conhecer, ou pelo menos de ter noticia d'elle, porque os dois escriptores foram coevos com a construcção. Ambos viram subir aquellas paredes, rendilhar aquellas cantarias, avultar as columnatas magnificas, cerrar, finalmente, as prodigiosas abobadas do templo.

Mas não proferem um louvor, uma referencia, ao menos, ao genial artista d'essa maravilha.

N'um e n'outro apenas se encontram alguns periodos a respeito do mosteiro — uma pagina, o maximo — mas sem calor, sem enthusiasmo, quasi sem ligar importancia á obra, para só louvarem o monarcha, *venturoso* que o mandou construir.

Foi esquecimento? Foi desfavor para com o artista? Mysterios insondaveis.

Por essa mesma época enviava o famoso Affonso d'Albuquerque valiosos presentes a Ruy de Pina para que este o não esquecesse na sua historia.

Sabe-se que existiram duas chronicas manuscriptas do mosteiro, provavelmente eguaes, mas ambas se perderam.

Uma d'ellas, attribuida a Fr. Thomaz do Espirito

Santo, religioso do tempo de D. João III, estava na livraria do conde de Vimioso, mas ficou destruida, como tantas outras preciosidades, pelo terramoto de 1755.

A outra durou até muito mais tarde, porque se affirma que ainda estava na bibliotheca do convento em 1837, época em que a melhor parte dos livros foram removidos para a bibliotheca publica.

Esse manuscripto, assim como muitas outras obras raras, desencaminhou-se por essa occasião. Algumas ficaram pelas tendas do sitio, para embrulhos, outras estarão agora na posse de particulares.

José Maria Eugenio, porque lhe constou que a celebrada chronica tinha ficado n'uma loja de Belem, pertencente a um individuo de nome Vidal, mandou offerecer, aos descendentes d'este, avultada quantia pelo manuscripto, mas já não foi encontrado. [1]

Sumiram-se pois os documentos mais valiosos para a historia do monumento, e portanto as probabilidades de se poder saber, de sciencia certa, quem foi o primeiro architecto dos Jeronymos.

O precioso archivo da torre do tombo tem sido mudo tambem até agora ás investigações minuciosas que

---

[1] Estas informações foram-nos fornecidas pelo ex.^{mo} sr. Torcato Moraes, digno chefe da contadoria da Casa Pia e cavalheiro de vasta erudição sobre coisas do mosteiro. Muitas outras indicações lhe devo que muito reconhecido agradeço.

ahi se tem feito para apurar alguma noticia sobre o assumpto.

Apenas se tem encontrado umas folhas de salarios aos artistas, umas referencias a pintores e architectos, que trabalharam no mosteiro, e mais nada.

O primeiro architecto dos Jeronymos tornou-se um mytho.

Mas se na verdade é penosa esta ignorancia, temos a consolar-nos a idéa de que tal facto se repete com quasi todas, senão todas, as outras construcções grandiosas do passado.

Ainda agora vimos que é desconhecido egualmente o nome do architecto da Batalha. Forjou-se a lenda do decantado Affonso Domingos, mas essa desfez-se em fumo diante do rigor scientifico da moderna investigação archeologica.

Para outros monumentos repete-se o mesmo facto. Quem foi o architecto do Carmo? De Santa Cruz de Coimbra? Ninguem o diz.

Mas nem é preciso ir muito longe no tempo, para encontrar a mesma ignorancia a respeito dos constructores de edificios historicos.

Se de momento quizermos saber quem foi o architecto da basilica da Estrella, ou mesmo do moderno theatro normal, havemos de encontrar serios embaraços para o descobrir.

Quanto ao mosteiro de Belem a tradição assentou no nome de Boutaca, e, como não ha documento que

a contradiga, foi esse o nome que adquiriu fóros de verdadeiro.

Ha porém todas as probabilidades de que o famoso artista, fosse lá quem fosse, trouxe de fóra de Portugal o gosto artistico que tão ousadamente imprimiu n'aquella obra, tornada depois modello d'um estylo architectonico que teve época brilhante nos fastos artisticos do paiz.

A arte das construcções, embora adiantadissima já nos meados do seculo XV, graças aos trabalhos da celebre associação dos mestres pedreiros, soffrera todavia, por esse tempo, grandissima transformação.

O famoso estylo gothico, que tão espalhado fôra no mundo pelos numerosos e sublimes artistas da grande *maçonaria* dos constructores, estava proximo do seu termo.

Assignalado em quasi todas as grandes cidades do mundo por magnificos templos, esse estylo tivera um reinado brilhante, e n'elle se filiam a maior parte das joias architectonicas que nos legou a edade-media.

As cathedraes de Colonia e de Strasburgo, Nossa Senhora de Paris e Westminster, e tantas outras, foram producto do trabalho da celebre associação.

Em Portugal tambem temos a Batalha, e tivemos o Carmo, (de que hoje só restam as ruinas) como valiosa amostra do estylo gothico.

Não seriam ambos construidos por membros da maçonaria dos pedreiros livres?

Mas tudo acaba. Um mundo de grandezas e primores, surgindo da Italia, e aquecido pelo sol meridional d'esse portentoso paiz, vinha conglobar, n'um conjuncto esplendido e fulgurante, todas as tradições accordadas das grandes civilisações grega e romana, com as scintillações d'uma concepção riquissima e enthusiastica.

Esse conjuncto de bellezas artisticas que se levantava pujante e bello, que irradiava por todo o mundo, que assombrava o presente e amesquinhava todo o passado — era a Renascença.

Nascida d'uma elaboração artistica em que o realismo começava já a despontar; patenteada por artistas do vulto de Pedro Perugino, Raphael Sanzio, Peruggi e de Miguel Angelo; vivificada pelo clima dulcissimo da Italia, e fortalecida pela protecção e pelo enthusiasmo de papas e de reis, a Renascença vinha dar ao mundo as leis do bello, assignalar á esthetica os moldes da propria belleza.

Diante d'ella tudo se curvava: — a poesia como a architectura, a cinzelagem como a musica, a pintura como a historia, tudo ia submetter-se ás normas que a idéa nova lhe dictava.

A *ogiva,* o caracteristico do estylo gothico, ia ceder passo ao *sarapanel,* e a architectura perpendicular, finda a sua carreira, abria logar aos brincados lavores e ás curvas graciosas do estylo *renascido.*

A Italia ardente vencia a fleugmatica e fria Germania.

Foi exactamente no periodo agudo da lucta entre os dois gostos architectonicos que D. Manuel fez erguer o grandioso mosteiro.

Que admira pois que o monarcha fosse procurar na Italia, berço dos artistas mais afamados do tempo e fóco d'onde irradiava essa luz brilhantissima da Renascença, os architectos do seu monumento e até mesmo a traça da sua construcção?

O proprio mosteiro é documento flagrante da transição architectonica que se estava operando. N'elle se vê claramente o contraste entre os dois estylos que se debatem: — a *ogiva* que ainda se deixa vêr por aquellas arcadas, mas já receosa e alheada do conjuncto, e a Renascença que irrompe victoriosa e folgazã, desenvolvendo-se em phantasiosos brincados por todas aquellas columnas e pilastras.

Todo o monumento accusa um concerto gracioso entre o estylo gothico e o italiano, ou melhor ainda, como lhe chamou Alexandre Herculano, a «resistencia do estylo gothico ao estylo de Francisco I.»

*

* *

E' crença vulgar que o mosteiro foi construido no local onde existia a egreja fundada por D. Henrique. Mas não é assim.

As duas egrejas coexistiram por bastantes annos uma

ao pé da outra. O que não sabemos é a época em que a antiga ermida do Rastello foi deitada abaixo, mas devia ter sido ainda no seculo dezeseis.

Em 1551 ainda existia, d'isso não ha duvida, porque foi n'esse anno, a 21 do mez de outubro, que D. João III mandou fazer a trasladação solemne dos restos de D. Manuel da ermida do Rastello para o sumptuoso monumento, então já quasi concluido.

Mais adiante fallaremos d'essa trasladação.

Levanta-se agora uma duvida que já tem dado motivo a differentes controversias.

Onde estava construida a egreja velha?

A tradição diz que estava a nascente do monumento, pouco mais ou menos no logar onde hoje existe um chafariz, isto é, a distancia d'uns cem metros.

Mas o sr. Luciano Cordeiro diverge d'esta opinião, e diz que a egreja do Rastello era uma capellinha que ainda existe no alto do morro que se ergue logo por detraz do mosteiro. [1]

Essa capellinha é de pequenissimas proporções e construida no mesmo estylo do monumento. Distará d'elle mais de seiscentos metros.

Pensa o illustre secretario da sociedade de geographia que a capella seria ali, porque ha exemplo d'ou-

---

[1] E' n'uma nota do seu bello livro — *Uma sobrinha do Infante* que o distincto escriptor apresenta essa opinião.

tras capellas, com o mesmo intuito, existiram perto do mar, sim, mas alcandoradas nas eminencias.

O destino d'essas casas era o de prestar soccorros materiaes e espirituaes aos naufragos e aos mareantes em geral — agasalho para as agruras da miseria, consolação e conforto para os transes da desdita Constituiam uma especie de *postos de soccorros a naufragos,* como se diria actualmente, mas levando mais além a sua missão philantropica por soccorrerem a um tempo os *naufragados* do mar e da fé.

Para bem preencherem seus fins caridosos convinha que taes casas, que a piedade dos reis, das ordens religiosas, ou de simples particulares, edificava e mantinha, estivessem collocadas em pontos altos, para que de longe as enxergassem os maritimos e assim pudessem facilmente demandal-as, quando, feridos pela adversidade, carecessem do seu soccorro.

Mas esta conjectura do sr. Luciano Cordeiro, aliás muito acceitavel, não é facil de justificar.

Não seremos nós que negaremos ao illustre escriptor, a mais cabal competencia para todos os assumptos que se prendem com as navegações e glorias portuguezas do passado, mas no caso presente parece-nos que não tem razão.

N'uma das memorias da trasladação de D. Manuel (são duas) insertas nas *Provas da historia genealogica* ha uma passagem que prova exactamente o contrario. Eil-a:

«Estava todo o alpendre de Bethlem despejado da egreja velha até ao cabo ao longo d'elle. Por debaixo veo a procissão (a que trazia os restos do monarcha) virando ao cabo ao longo d'elle, polla banda de fóra, chegou até a porta principal do moesteiro por onde entrou.»

E' um tanto confusa esta passagem, é certo, comtudo deprehende-se d'ella que existia um alpendre que ligava as duas egrejas.

A distancia e a altura a que está a ermida de S. Jeronymo tira toda a idéa de que fosse ali a egreja velha do Rastello. Era comprido em demasia o alpendre.

Tambem se conclue da mesma citação que a egreja primitiva estava a nascente do templo actual, por isso que a procissão teve de ir até ao cabo para virar para a porta principal, e essa porta está voltada para o poente.

A egreja velha estava pois á beira-mar e muito proxima do logar em que se construiu a actual.

E' esta tambem a opinião do erudito bibliothecario d'Ajuda, o ex.^{mo} sr. Almeida, a quem consultámos sobre o assumpto.

A grandeza da egreja, a vastidão de suas abobodas, a massa enorme de cantaria que foi preciso desbastar, cinzelar e fazer subir para aquella enorme construcção, não deixaram proseguir a obra com a rapidez que seu fundador desejaria.

Não faltava para ella o mais principal dos elementos — o dinheiro — que as riquezas que ao Tejo traziam cada dia as náos da India davam da sua vintena cabedal de sobejo para a obra. Mas escasseavam os apparelhos que o progresso tem inventado, por meio dos quaes se realisam hoje, quasi por encanto, os mais extraordinarios trabalhos de engenharia.

Por isso os annos iam passando antes que a obra chegasse a seu termo.

Quando falleceu D. Manuel, em 13 de Dezembro de 1521, nem a egreja estava acabada.

Parece que faltavam a capella-mór e as capellas do cruzeiro, duas alas do claustro, e concluir o dormitorio.

Este ultimo tinha começado muito mais tarde, como se vê d'uma verba do testamento do monarcha.

Encommendava D. Manuel que se não tirasse o rendimento que estipulara para a construcção (o da vintena) «athe se acabar pela dita renda a *Casa* na fórma em que o tenho ordenado e mandado fazer, e que responda toda a obra com a que *está começada* do dormitorio o qual mando fazer para cem frades.»

Este dormitorio é a edificação que se alonga para weste do templo.

Devia ter sido alterado o plano primitivo porque só ficou com setenta e duas cellas e não as cem pedidas pelo testador.

A demora no acabamento do edificio dá certos fó-

ros de verdade á tradição de que a abobada do cruzeiro veiu a terra quando da primeira vez lhe tiraram os simples.

O padre Francisco de Santa Maria, no seu *Anno historico,* affirma ter-se dado a derrocada, e diz que o temor que tal succedesse levara o monarcha a chamar para esse arriscado trabalho alguns condemnados á morte que nas prisões estiveram detidos até esse momento, e que «da primeira vez veiu o cruzeiro a terra e pagaram a pena que mereciam, porém outros mais felizes entraram depois no mesmo risco, escapando d'elle ficaram soltos e livres.» [1]

E' tão natural uma derrocada n'uma obra grandiosa, que não será difficil acreditar a affirmação do padre Santa Maria, e tanto mais que o terreno em que foi edificado o mosteiro, pouco solido pela proximidade do mar, ainda mais se presta a confirmal-o.

No proprio mosteiro tivemos um exemplo recente, a provar a possibilidade de tal facto: — foi a queda da torre central que se estava construindo a meio do dormitorio.

Tambem corre a tradição de que a lenha das cambotas fôra dada aos condemnados que descimbraram a abobada, os quaes fizeram casas com ella nas proximidades do convento, vindo d'esse facto a chamar-

[1] *Anno historico*, t. III, pag. 486.

se Arcolena ao bairro assim construido, nome derivado dos arcos de lenha (Arco-lena) de que foram fabricadas as casas. Não se justifica similhante tradição.

Talvez se desse a lenha aos condemnados, isso não contestamos, mas o conjuncto de casaria que existe pelas costas do edificio é muito anterior ao mosteiro, e não tira tal o nome de *arco de lenha*

Alcolena ou *Alcomena* era já a sua designação em tempos anteriores á construcção, e devia ter sido uma povoação mourisca em sua primitiva.

*

* *

As obras do mosteiro continuaram durante os reinados de D. João III, de D. Sebastião e de D. Henrique. Seguiu-se a dominação castelhana durante a qual tudo se paralysou no paiz.

Mas logo nos reinados de Affonso VI e de Pedro II se fizeram grandes reparos no templo.

Depois d'essa época o mosteiro foi desprezado durante muitos annos, permanecendo tal como ficara desde o tempo de Pedro II, ou peior ainda, porque já começava a arruinar-se.

Em 1833 foi secularisado para no edificio se estabelecer a Casa Pia. [1]

---

[1] Vidè *Breve historia da Casa Pia*, do auctor.

Já só existiam meia duzia de frades no mosteiro, os quaes, na maior parte, se foram recolher no convento de Ribamar.

As ordens religiosas estavam por pouco. Logo no anno seguinte se extinguiram os conventos de frades, e se prohibiu a profissão de novas freiras.

As primeiras administrações do pio estabelecimento que ali se installou, limitaram-se a fazer algumas construcções novas, nos pateos, para maior commodidade e desevolvimento do instituto, sem se importarem muito do monumento. Mas em 1859 tomou conta da provedoria um dos homens mais notaveis da passada geração, José Maria Eugenio d'Almeida, e esse, com a sua largueza de vistas e arrojo de iniciativa, começou uma larga reconstrucção do mosteiro.

Não chegou a seu termo, infelizmente, o projecto grandioso do energico provedor da Casa Pia; a queda d'uma torre magnifica que já estava quasi concluida a meio do dormitorio, e depois o nosso desmazelo habitual, fizeram que ha dezoito annos se ande fazendo e desfazendo projectos para a conclusão do edificio, que todavia está ainda hoje quasi como ficou depois do desabamento.

A commemoração do *centenario da India* chamou agora as attenções para o mosteiro.

Já deixámos indicado na *introducção* o que se projecta para conclusão do monumento.

II

Local e orientação da egreja — O exterior do templo — O interior — As naves e respectivas columnas — O cruzeiro — A capella-mór — Differença da sua architectura — Transformações que soffreu — Trasladação de D. Manuel — Sepultura primitiva — Os tumulos da capella-mór — O sacrario — Os cadaveres de D. Affonso VI e seus irmãos — As capellas do cruzeiro — Tumulos que encerram — D. Sebastião — Os restos de Camões e Vasco da Gama — Seus tumulos — João de Deus — O presepio — O S. Jeronymo — O côro do cruzeiro — A sacristia — A riqueza dos paramentos — A celebre custodia — As capellas debaixo do côro — Os primores artisticos do côro — Os orgãos — Effeitos do terramoto de 1755.

A egreja foi construida na contiguidade da pequena ermida do Rastello. E, por conseguinte, á beira-mar.

Porém, como a praxe da época, seguida rigorosamente na construcção de todos os templos, era oriental-os na linha weste-leste, deixando a capella-mór para nascente, resultou que a porta lateral, que voltava para a historica praia, foi a que ficou mais ornamentada e magestosa, visto que a principal, não estando nem ao menos virada para Lisboa, tinha de ser a menos accessivel e menos vista.

Tão perto ficou o templo do mar, que nas aguas vivas, conforme diz Siguença, [1] a maré vinha beijar-lhe as paredes.

Até quasi nossos dias se conservou assim, porque o aterro que actualmente se alarga em frente do edificio, foi feito ao tempo dos ultimos trabalhos de restauração em 1859.

A representação graphica mais antiga que se conhece do mosteiro, é um quadro que existe no muzeu de pintura de Haya, que deve ser do seculo XVI.

D'essa tela ha uma prova photographica na Casa Pia.

Colmenar, na sua obra *Delices de Espagne e du Portugal,* tambem faz acompanhar a descripção do mosteiro com uma estampa que o representa; mas esse trabalho é do seculo passado. Todavia as duas estampas são quasi eguaes.

Descrevamos porém o mosteiro.

O aspecto exterior apresenta-nos actualmente dois corpos distinctos e completamente separados: — a egreja e a extensa galiléa que foi dormitorio do convento.

A egreja tem a fórma de cruz, perfeitamente visivel pela parte de fóra.

Mas a parte extrema, que constitue a capella-mór,

---

[1] *Historia de la ordem de San Jeronimo*, t. II, pag. 87.

attrahe-nos logo a attenção pelo contraste da sua simplicidade com o resto do edificio. Segue o braço miridional da cruz, e depois o corpo da egreja, ao meio da qual se ostenta a magnifica portada.

Tanto o cruzeiro como o corpo das naves são partidos a meio por uma larga facha de arabescos, e coroados por uma cimalha elegante, tendo a espaços caprichosas gargulas.

Mas nada d'isto se vê na capella-mór, cujas paredes nuas vão rematar n'uma balaustrada simples e banal.

A porta lateral abre quasi a meio do corpo do templo.

E' magnifica essa porta, sem duvida a mais fina joia da architectura manuelina.

Dentro do espaço comprehendido por um grande arco de volta perfeita cavam-se dois arcos muito abatidos, e da pilastra que os separa se destaca uma peanha que sustenta a estatua em tamanho natural do infante D. Henrique.

Tornejando as hombreiras, e na altura da referida estatua, estão os doze apostolos em tamanho tambem natural.

Todas estas figuras são sobrepostas de formosos baldaquinos.

Por cima do arco maior está uma N. S. dos Reis, que é o orago da egreja. Cobre-a magestoso docel.

Abre-se pela rectaguarda da imagem uma janella cujas hombreiras tambem são profusamente ornamen-

tadas e semeados de nichos onde figuram muitas imagens de santos.

A ornamentação da janella vae terminar no alto do edificio, onde remata com uma imagem do archanjo S. Gabriel, que já fica ao nivel da platibanda.

S. Gabriel era o nome da náo commandada pelo Gama.

Augmenta muito o espaço para o embellezamento d'esta portada, não só a reintrancia que ella faz na grossura da parede, mas principalmente a existencia de dois botareus que de cada lado a acompanham, e nos quaes se accumulam os ornatos, que lhe dão infinita magestade.

Esses botareus vão até ao alto do edificio.

Não existe em Portugal nada similhante, e mesmo para o estrangeiro essa porta é digna de attenção, e por vezes tem sido louvada.

Na exposição de Paris de 1868 foi o seu modelo que serviu para formar a entrada do pavilhão destinado á exhibição dos productos portuguezes.

De cada lado da porta se rasgam elegantes frestões, altos e estreitos, egualmente ornamentados pelas brincadas cinzelagens que são o relevo e singular caracteristico do estylo do monumento.

Segue-se para o lado do poente ainda um botareo, mas este liso, e logo duas janellas sobrepostas, quasi da largura dos frestões já indicados, e abrangendo ambas o espaço de cada um d'elles.

Depois salienta-se um pouco o edificio, como que formando um corpo áparte. Corresponde ao côro e é base da torre.

A impressão que nos causa a belleza da magnifica porta e a magestade do edificio, é singularmente sobreexcedida quando, transposta a entrada, nos achamos sob as gigantescas abobadas d'aquella soberba fabrica. O tamanho enorme do templo, a elegancia das columnas que sustentam a primorosa construcção, tudo impõe respeito e infunde pasmo.

A egreja é de tres naves.

As quatro columnas centraes, delgadas e esveltas, similham os mastros d'um navio: — mas é que toda aquella architectura, destinada á consagração dos grandes emprehendimentos nauticos dos portuguezes, parece, pela sua fórma geral, querer recordar as alterosas náos com que Portugal assoberbou o Oriente, e assombrou o mundo inteiro.

A cada passo nos deparam os afestoados de toda aquella caprichosa ornamentação como que uma reminiscencia nautica.

As duas primeiras columnas, ao fundo do templo, servem primeiramente de supporte do côro, e, atravessando este, vão-se até ao tecto de que tambem são sustentaculo.

As ultimas, do lado superior, sustentam a espaçosa abobada do cruzeiro, e por isso tem maior grossura, sem deixarem de ser elegantes.

Todas ellas são miudamente lavradas, perdendo-se a vista com a diversidade de motivos, sempre differentes e imprevistos, que as cobrem.

Figuras humanas e fabulosas, monstros, aves, insectos, folhagens, tudo ali se vê, e tudo entrelaçado n'uma harmonia surprehendente que resulta da mesma desharmonia e dessimilhança de todo o conjuncto.

O padre Manuel Bernardes chamou-lhe a *egualdade* da *desegualdade;* paradoxo gracioso que perfeitamente se applica ao magestoso templo.

Nas columnas ha muitos nichos, cavados a differentes alturas mas todos estão deshabitados.

O architecto francez, barão de Taylor, que veiu a Portugal, em digressão artistica, no anno de 1836, achou tão extraordinariamente formosas aquellas columnas, que lhes mandou tirar moldes de gesso, para levar, como preciosidade artistica, para o seu paiz.

Do corpo da egreja sobem-se dois degraus para o cruzeiro. E' este coberto por uma aboboda, que pela sua altura e pela fórma abatida da sua construcção, chega a parecer maravilha como possa sustentar se.

Tanto no corpo da egreja como no cruzeiro a abobada é artezoada, formando com seus artezões caprichosas figuras geometricas, que, vistas de baixo, similham as nervuras d'uma folha descommunal.

Em graciosos feixes vem todas essas nervuras terminar no alto das columnas e nas misulas que lhes correspondem nas paredes.

Os fechos da abobada, que são os angulos das figuras formadas pelos artezões, salientam-se um tanto, e são lavrados de mil fórmas differentes.

São espheras, cruzes de Christo, rostos humanos, cabeças d'animaes, corôas reaes, simples florões, uma variedade infinita. Mas os fechos principaes do cruzeiro estão cobertos por largas chapas de metal pintadas, cuja pintura, todavia, mal se distingue ao presente. A do meio devia ter as armas reaes, e as do lado, uma os attributos de D. Manuel—a esphera e a cruz de Christo—e a outra as de S. Jeronymo—o leão, o livro e o chapeu cardinalicio.

A esphera e a cruz de Christo são symbolos que a todo o momento se repetem nos lavores do monumento.

Em nossa frente está a capella mór.

Esta peça é muito pequena em comparação do templo, e tambem por outro motivo nos surprehende um pouco assim que attentamos n'ella:—a sua architectura é totalmente diversa da do resto do edificio.

O estylo brincado que até esse momento nos vinha encantando os olhos é substituido ali pela correcção aprumada e severa da mais genuina architectura classica:—columnas lisas com suas bases e capiteis jonicos, aboboda corrida de volta perfeita, e o entablamento da mesma ordem correndo em torno na uniformidade pautada da linha recta.

Eis a historia d'esta capella:

Vimos que D. Manuel deixara por fazer aquella

parte do templo; mas as obras continuaram sem interrupção e fez-se uma capella-mór, no mesmo estylo do mosteiro, que é provavel que fosse construida por Castilho.

Ha mesmo noticia, um tanto vaga, de existir n'um rico manuscripto, pertencente a uma das casas nobres do paiz, uma illuminura que representa essa capella.

Porém, como ficasse pequena, mandou D. João III apeal-a, fazendo em seu logar a que actualmente existe.

N'uma das noticias da trasladação de D. Manuel se encontra a prova da nossa affirmativa. Diz assim: — «A egreja do mosteiro de Belem, ainda que de todo não era acabada, todavia já alguns annos havia que estava de maneira que ora estava, quando el-rei nosso senhor fez esta trasladação: pelo que pudera ter já satisfeito esta obrigação se o não detivera a mudança que quiz fazer na capella-mór, para que ficasse maior e mais alta.»

Devia ter sido construida por um architecto de nome Torralva, que n'essa época dirigia os trabalhos do mosteiro.

Pensa-se agora em modificar a capella, adaptando-a ao estylo manuelino, mas estamos certos de que tal se não fará.

Aquella differença architectonica é nuncia do tempo em que foi feita e nenhuma utilidade se tiraria agora da sua reconstrucção.

Deixemos lá a capella-mór de estylo classico con-

trastando pela sua disparidade com os floreados subtis do monumento. Marca uma época, é uma pagina do grande livro do tempo que foi voltada posteriormente.

*
* *

Já sabemos que D. Manuel estava enterrado, com a maior parte dos seus filhos e netos na ermida do Rastello. Mas sua segunda mulher D. Maria, estava no convento da Madre de Deus, e o cardeal D. Affonso, filho de D. Manuel, jazia na Sé de Lisboa.

No dia 21 d'outubro de 1551 ordenou D. João III a remoção de todos esses restos para o mosteiro, o que se realisou com toda a solemnidade.

No sahimento que levou para Belem as ossadas de D. Maria e do cardeal D. Affonso se incorporou toda a nobreza e altos dignitarios ecclesiasticos, e tão avultado numero de frades que, diz a noticia já referida, passavam de setecentos.

Conforme a expressa determinação de D. Manuel, os seus restos, e os de sua mulher, foram inhumados n'uma cova aberta no meio da capella-mór. Lá dizia o testamento: — *e que se me não faça outra sepultura senão uma campa chã, que se possa andar por cima d'ella.*

Os restos de principes e infantes foram enterrados em differentes altares.

Só alguns annos depois, como se vê do seu testa-

mento, é que D. Catharina mandou fazer os ricos mausoleus que se encontram aos lados da capella-mór.

Estão n'esses tumulos os dois monarchas D. Manuel e D. João III e suas esposas D. Maria e D. Catharina.

Na face de cada tumulo ha um epitaphio em latim. Abaixo vão transcriptos com as respectivas traducções.

No lado do evangelho, tumulo de D. Manuel:

Littore ab occiduo qui primi ad lumina Solis,
Extendit cultum, notitianque Dei.
Tot Reges domiti, cui sobmisere thiaras,
Conditur hoc tumulo Maximus Emmanuel.

Manuel o grande, que do Oriente até ao Occidente fez conhecer e servir a Deus o que venceu tantos reis e se enriqueceu com seus despojos, cabe n'este tumulo.

D. Maria:

Maria Ferdinandi Catholici. Cast Regis F.
D. Emmanuelis Lusit. Regis P. F. invicti Conjux
mira in Deum pietate insignis, ac bene de
Repub. semper merita H. S. E.

Maria, filha de Fernando o catholico, rei de Castella, e esposa de Manuel o victorioso (o filho da victoria) rei de Portugal, está sepultada debaixo d'este marmore. Sua piedade foi exemplar, assim como o seu amor para com seus subditos.

No lado da epistola, tumulo de D. João III:

Pace domi, belloque foris moderamine miro
Auxit Joannes Tertius imperium.
Divina excoluit Regno importavit Athenas,
Heic tandem situs est Rex Patriœque Parens.

Habil no tempo de paz, feliz em tempo de guerra, João terceiro soube augmentar o imperio de seus avós. Com os thesouros de Athenas enriqueceu os seus e pae da patria, dorme n'este logar.

D. Catharina:

Catharina Philippi I. Castel. Reg. F, Joannis III. Lusit. Regis P. F. Invicti conjux, magni animi, pietatis eximiæ, prudentiæ singularis, et incomparabilis exempli Regina H. S. E.

Catharina, filha de Filippe primeiro, rei de Castella, esposa de João III, rei de Portugal, admiravel pela sua grandeza, sua piedade, sua prudencia, e pelos grandes exemplos que deu aos seus povos, aqui está sepultada.

Diz-se que foi um provincial do convento, chamado fr. Diogo Gomes, que compoz os epitaphios.

Ha tambem na capella-mór um grande sacrario, d'alto valor historico e artistico, que não deve ficar sem menção.

E' de chaparia de prata e foi mandado fazer por D. Affonso VI, para commemoração da victoria de Montes Claros. [1]

E' trabalho d'um ourives chamado João de Souza.

Porém, como o infeliz monarcha já estivesse deposto ao tempo de se acabar a obra, seu irmão D. Pedro II, fingindo-se o doador d'aquella preciosidade, man-

---

[1] *Arte Portugueza*, Porto, n.º 2, artigo do ex.mo sr. Rodrigo V. d'Almeida.

dou gravar na *porta cœli* um distico em que se dá como tal.

Singular predilecção tinha D. Pedro para se apropriar de tudo que pertencia a seu pobre irmão.

O cadaver de D. Affonso VI esteve por muitos annos debaixo d'este sacrario, mas em 1855 foi transferido para S. Vicente. Comtudo ainda se encontram no fundo da capella-mór os restos de suas irmãs D. Joanna e D. Catharina, que foi esposa de Carlos II de Inglaterra, e os de seu irmão D. Theodosio.

Já era tempo de remover para logar conveniente aquellas ossadas, que para ali se encontram tão irreverentemente depostas.

Suppõe-se que D. Pedro mandou fazer um tumulo para seu infeliz irmão D. Affonso mas o qual se não concluiu. Pelo menos existiu por muitos annos debaixo do côro o começo d'um mausoleu que se diz ser o que devia recolher as cinzas do desditoso monarcha.

Foi removido ha annos para a Casa Pia o bello ataúde de marmore.

O retabulo do altar é guarnecido por cinco telas de grande merito, representando passos da Escriptura.

A varios auctores se attribuem estes quadros.

O que se sabe com certeza é que houve tres grandes pintores que trabalharam no monumento, e que ahi deixaram obras de subido valor; mas não é facil destrinçar quaes são as tellas que verdadeiramente pertencem a cada um d'elles.

Esses tres artistas foram: Lourenço Fernandes, Gaspar Dias e João Lopes. [1] Parece que são d'este ultimo os quadros referidos.

Ha de cada lado do cruzeiro uma capella de avultadas dimensões, onde tambem se encontram importantes memorias historicas. A da direita tem ao fundo um tumulo, similhante aos da capella-mór, onde repousam as verdadeiras ou pretendidas cinzas de D. Sebastião.[2]

O proprio distico indica essa duvida. Attribue-se ao conde da Ericeira. Eil-o:

Conditur hoc tumulo, si vera est fama, Sebastus,
Quem tulit in Libycis mors properata plagis.
Nec dicas falli Regem qui viveri credit,
Pro lege extincto mors quasi vita fuit.

Se podemos dar credito á fama este tumulo conserva os restos de Sebastião, morto nas plagas africanas. Mas não digas

[1] A todos tres se referem documentos existentes na torre do tombo: Um alvará de 1534 manda entregar a Gaspar Dias 20$000 réis para a despeza das obras do mosteiro; outro, de 1511, manda entregar a Lourenço Fernandes 50 quintaes de pimenta para o mesmo fim; e finalmente uma especie de carta dos operarios de Belem, dirigida a João Lopes, em 1514, prova ter elle sido um dos pintores que trabalharam no mosteiro.

[2] Do campo de batalha de Alcacer-Quibir foi levantado um cadaver que se julgou ser o de D. Sebastião, e foi enterrado no convento da Trindade de Ceuta. Filippe I, por motivos faceis de comprehender, removeu esse corpo para Belem, pouco depois da usurpação, e fel-o sepultar n'um tumulo de madeira. D. Pedro II mandou construir o tumulo em que actualmente se encontra, fazendo a trasladação á porta fechada.

que é falsa a opinião dos que acreditam que elle ainda é vivo, porque a gloria lhe assegura a immortalidade.

Em sepulturas lateraes se encontram os filhos de D. João III.

N'esta capella se depositaram as urnas que continham as ossadas de Camões e do Gama, levadas solemnemente para ali em 1880, por occasião do centenario de Camões.

Um legado de Simão da Luz Soriano forneceu os meios para se lhes construir os dois formosos tumulos que adornam o centro d'essa capella.

Mas a graça é que se apurou depois que taes ossadas, com tanta veneração removidas para o monumento de Belem são tão verdadeiras como as de D. Sebastião.

A intenção é que salva!

Tambem ali se encontra, aguardando sepultura condigna, o cadaver do grande lyrico João de Deus, fallecido em janeiro de 1895.

Esta capella era da invocação de N. S. do Rastello. [1] Por muito tempo a obstruiu um presepio monstruoso que era o gaudio da creançada do sitio, mas ha vinte annos que foi destruido.

---

[1] A tradição diz que a imagem de N. S. do Rastello, pertencente á ermida velha, fôra levada pelos freires de Christo para a sua egreja da Conceição, e que é uma figura bastante antiga que ali se encontra. E' muito provavel.

Defronte encontra-se a capella, hoje do Santissimo, mas que foi outr'ora de N. S. das Estrellas.

Está n'ella o tumulo de D. Henrique. E' perfeitamente similhante aos dos outros monarchas. Aos lados estão os sepulcros dos filhos de D. Manuel.

O tumulo de D. Henrique parece que foi mandado fazer por elle mesmo; pelo menos é o que se deprehende do seu testamento, inserto nas *Provas*.

O epitaphio reza assim:

Hic jacet Henricus gemino diademante clarus,
Quód Patrio Sceptro purpura juncta fuit.
Conditur, et Regnum pariter cum Rege sepultum,
Ut foret imperii vitaque, morsque sui.

Aqui jaz Henrique, illustre por duas corôas, porque a purpura se reuniu ao sceptro patrio. Está sepultado e o reino egualmente foi com elle sepultado; para que fosse tanto a vida como a morte do seu reino.

Mas os tumulos lateraes, bem como todos os que se encontram na capella do Rastello, foram mandados construir por D. Pedro II.

N'esta capella todas as sepulturas estão occultas: a de D. Henrique, que está ao fundo, encobre-a o throno, e as outras tapam-nas uns quadros pouco valiosos, que disfarçam as aberturas onde ellas se encontram.

Em volta do cruzeiro ha seis capellinhas pouco fundas. N'uma d'estas se encontra uma imagem de S. Jeronymo que foi doada a D. Manuel pelo papa Julio II.

Representa o santo doutor em extase, perante um crucifixo que segura na mão esquerda.

A naturalidade da postura e a expressão da physionomia são extraordinarias. Parece que o santo vae fallar.

A imagem é de porcellana.

As duas capellas que existiam aos lados da do Santissimo foram transformadas em portas, parece que no tempo de D. Pedro II.

Dá uma para o claustro e outra para a sacristia. Antes da abertura d'esta porta a sacristia não tinha communicação directa com o templo. Fazia-se serviço pelo claustro. Foi mesmo preciso fazer uma passagem abobadada por fóra do edificio para estabelecer a communicação.

Houve outr'ora no cruzeiro um côro de madeira, destinado, por certo, ao serviço ordinario do convento. Encontrámos referencia a elle nas noticias da trasladação, já citadas, e na *Historia* de Rebello da Silva. [1] Parece que foi desmanchado por essa mesma época.

Tambem não devemos deixar sem menção os dois ricos pulpitos que se engastam nos angulos da capella-mór. São valiosissimos como trabalho de esculptura.

---

[1] Na parte em que faz a narração d'um tumulto dos frades do mosteiro, occorrido no reinado de D. Henrique, t. I pag. 358.

E' porém de notar que a renovação da capella-mór os inutilisou por lhe taparem, por descuido, talvez, as entradas. Ultimamente se arranjou uma escada, por fóra do templo, para aproveitamento d'um d'elles, mas pouco tem servido. A porta fica disfarçada no fundo d'uma das capellinhas lateraes. E' o do lado do evangelho.

Como é natural, os paramentos do mosteiro são riquissimos, mas a tudo sobreleva uma custodia que D. Manuel lhe legou em seu testamento, a qual é considerada como a mais rica peça de ourivesaria que o paiz possue. Foi cinzelada por Gil Vicente, tio do celebre poeta dramatico d'este nome. [1]

Encontra-se actualmente, não sabemos porque, no thesouro da casa de Bragança.

Ao fundo do templo ha um grande côro em que existe riquissimo trabalho de talha feito em madeira de bordo. Avultam aos lados do côro as frentes enormes de dois orgãos, mas só as frentes, porque os orgãos acham-se completamente esbandalhados.

O da esquerda que foi mandado fazer, conforme diz o distico, por um bispo de Pernambuco, parece que nunca chegou a tocar, mas o outro era o melhor orgão do paiz, tanto pela belleza das vozes, como pela quantidade de registos.

---

[1] *Culto da Arte em Portugal*, pag. 35 de Ramalho Ortigão.

Foi construido, em 1781, por Manuel Teixeira de Miranda, segundo resa o letreiro. Com o tempo estragou-se. Durante as ultimas reparações a que se procedeu no templo houve ideia de o concertar, e foi chamado para esse encargo um organista muito distincto de Lisboa, que todavia provou nada perceber de construcção de orgãos, porque o resultado foi a completa inutilisação de tão bello instrumento.

Debaixo do côro ha duas capellas, uma que foi outr'ora de S. Leonardo, transformada hoje em baptisterio da freguezia, e a outra é do Senhor dos Passos. Tem irmandade que dura ha mais de dois seculos.

O comprimento total do templo é de 88 metros, e a largura é de 22,^{m}5 nas naves e 49,^{m}5 no cruzeiro, contados de extremo a extremo das capellas lateraes. O côro mede 20 metros de fundo. A capella-mór tem 9 metros de largura. Só ha em Portugal duas egrejas maiores: a da Batalha e a de Alcobaça.

O terramoto de 1755 damnificou alguma coisa o templo. Não em acto continuo, mas quasi um anno depois, cahiu um bocado da abobada por cima do côro, que foi promptamente concertado.

III

O dormitorio--O vestibulo—Motivo provavel da sua edificação --Época em que foi feito--As torres--A porta principal As imagens de D. Manuel e D. Maria--Sala dos reis-- Os arcos da galiléa--Intenções de D. Manuel a respeito d'essa arcada--O projecto de José Maria Eugenio-- A queda da torre — O modelo do architecto Possidonio da Silva — A portaria do mosteiro — O claustro — Pantheon de Alexandre Herculano--O refeitorio—Claustro superior--A livraria — A cerca — As capellas da cerca.

A seguir ao templo, para o lado de weste, vê-se a comprida edificação destinada ao dormitorio dos frades.

Está desligada agora da egreja, mas por muitos annos existiu um corpo intermedio, a que se chamava o vestibulo, servindo de traço de união dos dois corpos.

As modificações por que tem passado esta edificação mascararam inteiramente a sua fórma primitiva. Comtudo póde vêr-se, na estampa que vae ao começo, o que ella era no momento de se acabar de construir.

Só resta do antigo edificio a arcaria do primeiro pavimento, o que bem se conhece pela differença da côr da cantaria.

Pareceu aos frades que seria grave incommodo descerem ao pateo para entrarem no templo, e d'ahi proveiu a singular barbaridade de se construir o tal corpo intermedio que foi tapar a frontaria principal da egreja, occultar e estragar a porta nobre, não deixando que se concluisse a fachada que o risco inicial devia indicar.

A opinião, já aventada, de que a traça geral prescrevia a juncção dos dois corpos desmente-se facilmente pela inspecção da porta principal, cujas mutilações, devidas á construcção posterior do vestibulo, bem alto bradam contra o inqualificavel vandalismo de que foi victima. E além d'isso, a data de 1541, que existia n'um dos artezões do vestibulo, deve marcar, sem duvida, o momento da sua construcção.

No plano inicial havia duas torres, uma das quaes não subiu acima do telhado, mas lá tem o seu começo, e até a escada que a devia servir; e a outra pouco se elevou acima do templo, sendo rematada por uma cobertura *ad hoc,* como se vê na estampa.

A torre actual foi uma das obras da restauração de José Maria Eugenio. Está ali bem descabido tal campanario, valha a verdade.

O vestibulo consistia n'um corpo quasi da altura do templo. Abria-se por baixo uma arcada funda, debaixo da qual ficou a porta da egreja. Na extremidade estava a portaria do convento, que é a que ainda hoje serve de entrada para a Casa Pia.

O feitio d'essa porta, e a existencia de duas carantonhas que aos lados a adornam, evidenciam ter sido posta ali posteriormente ao vestibulo; isto é, ter-se feito, talvez por 1690, uma scisão na arcada para arranjar uma casa de entrada ao mosteiro.

A porta da egreja, embora menos ornamentada que a lateral, não é por isso menos bella.

Tem aos lados duas figuras que representam D. Manuel e sua mulher D. Maria. São em vulto, de tamanho natural e estão mettidos em nichos, cobertos de baldaquinos.

Damião de Goes, o famoso chronista de D. Manuel diz que «estas duas figuras são talhadas em pedra lioz, e os rostos tirados assás bem ao natural.» [1] Faria e Souza diz tambem «*que los dos Reys se ven tan parecidos que diziam las personas de su tiempo: non les faltaba mas que hablar.*» [2]

E' evidente que D. Manuel não mandaria collocar a sua imagem e a de sua mulher n'uma porta que devia ficar occulta sob uma arcada.

O andar nobre do vestibulo era occupado por uma sala que estabelecia communicação entre o côro e o dormitorio. Chamavam-lhe *sala dos reis* por ter em volta das paredes os retratos a oleo de todos os monarchas portuguezes.

---

[1] *Chronica de D. Manuel*, t. I, pag. 29.
[2] *Europa Portugueza*, t. II, pag. 510.

Esses quadros, aliás pouco valiosos, estão hoje na posse da Casa Pia.

O tecto da sala era um bello apainelado de talha, puro gosto renascença, que foi vendido por uma bagatella a um ferro-velho. Adorna hoje uma das mais luxuosas salas de Lisboa.

A reconstrucção de 1859 iniciou-se exactamente pela obliteração d'este vestibulo.

Começou melhor do que acabou.

A extensa galiléa que corria para weste tinha no segundo piso as setenta e duas cellas que já dissemos, as quaes abriam todas para um corredor que tomava todo o comprimento da edificação. Ao fim havia uma varanda debruçada sobre um jardim.

Os arcos do piso terreo eram abertos a principio, e destinados a servir de abrigo aos peregrinos e viandantes, mas depois foram sendo successivamente fechados, applicando-se as casas assim constituidas a depositos do estado e de particulares. A renda d'esses depositos era uma das receitas do mosteiro.

Tambem ali esteve por muitos annos uma tanoaría dependente do arsenal da marinha.

D. Manuel pensou mesmo, ao mandar fazer o dormitorio, em estabelecer ali uma especie de mercado de contratação das fazendas da India, encarregando os frades da gerencia d'esse mercado.

Mas os reverendos, pouco dispostos a afastar-se dos seus habitos de beatifica indolencia, accudiram

logo a declinar o encargo, embora lucrativo, ponderando a el-rei: — «*que les diesse lo que el quisiesse, para sustento de sessenta ou setenta frayles, e que les quitasse aquellos cuidados.*» [1]

Com o decorrer do tempo a fórma primitiva da galiléa foi completamente deturpada. A necessidade de augmentar as accommodações levou os successivos habitantes do mosteiro a construir sobre ella outras muitas edificações irregulares e disparatadas, que se alcandoravam pittorescamente sobre a primitiva edificação.

Todas estas aberrações se propoz José Maria Eugenio debellar com o seu grandioso projecto. Constava este da edificação d'um grande quadrilatero, de que o antigo dormitorio seria a face do sul. Ao centro d'esta face se elevaria uma torre soberba, emparelhando por sua grandeza com a magestade do templo. Mas a torre, talvez por defeito de construcção, veiu a terra em dezembro de 1878, quando já estava prestes a terminar, e depois d'isso as obras tem seguido vagarosamente.

N'essa grande obra trabalharam alguns architectos de nomeada taes como o inglez Benet, e os dois italianos Rambois e Cinati, que foram substituir aquelle.

No projecto geral alguma coisa se tinha pensado a

---

[1] Siguença — obra cit.

respeito da frontaria occidental do templo mas apenas se construiu a torre e se abriu um grande oculo para dar claridade ao côro. O resto ficou para depois.

O fallecido architecto Possidonio da Silva enviou para a exposição de Paris, em 1867, um modello de madeira representando um projecto de restauração do templo. Acompanhava-o uma memoria elucidativa, escripta em francez.

Existem na Casa Pia duas photographias d'esse projecto.

*
* *

Transpondo a porta do mosteiro achamo-nos em uma casa d'entrada, espaçosa e clara. Em frente vê-se a escada que communicava com a *sala dos reis* e d'ahi com o dormitorio.

No primeiro lanço, em face da entrada, ha um retabulo com um quadro que hoje mal se distingue. Era esta pintura um dos trabalhos de Gaspar Dias, mas o tempo e umas pinceladas irreverentes que lhe pregaram a titulo de restauração, inutilisaram completamente aquella obra prima.

Da mesma casa de entrada tambem ha passagem para o claustro, por uma porta que nos fica á direita.

E' extraordinariamente bello o claustro. Se o templo nos surprehende pela sua grandeza e magestade, o claustro esse enleva-nos, arrebata-nos, deixa-nos

embevecidos diante d'essa multidão de columnas flexiveis e rendilhadas que constituem a arcaria graciosa das suas galerias.

E' quadrado e tem cada uma das alas o compriprimento de quasi 56 metros, sobre 6,^{m}25 de largura.

A cada ala correspondem 6 arcos. Tem dois pavimentos.

Communicam com a parte inferior a egreja a sacristia e o refeitorio.

Na parede da ala por onde entrámos vêem-se doze portinhas, hoje tapadas, que correspondem a outras tantas no templo. Eram os confessionarios.

Na ala oriental estão a sacristia e logo a seguir a capella mortuaria de Alexandre Herculano. Para pantheon do grande escriptor se adaptou, em 1885, a casa que parecia estar destinada, na construcção primitiva, para sala do capitulo, mas que nunca se concluiu. A existencia d'uma tribuna que ainda lá se vê, cavada na parede do fundo, dá todos os visos de verdade a esta tradição.

Mas a tribuna, á similhança dos pulpitos, tambem não tinha entrada. Fez-se-lhe depois.

A trasladação do grande historiador realisou-se em 1888.

O refeitorio, contiguo á ala occidental, tem quasi o comprimento d'esta. Guarnecem-lhe as paredes bellos quadros de azulejo representando scenas do velho e novo testamento.

Ao fundo ha uma pintura a fresco, de Amaro do Vale, representando a Virgem, mas está inteiramente estragada.

Já sabemos que a parte baixa do claustro estava quasi concluida ao tempo da morte de D. Manuel. O restante accusa, com bastante evidencia, a época posterior em que foi feito.

A varanda superior é de architectura muito mais simples. Os arcos, que em baixo são divididos em quatro, sustentados por elegantes columnas, n'esta parte apenas se dividem ao meio. Mas os arcos menores e a respectiva columna central só ha poucos annos foram concluidos. Deve-se ao engenheiro Valladas essa obra.

Só existiam os encontros e a base dos pilares.

Por muito tempo estiveram tapados a cal e areia os vãos d'esta arcada, servindo para dormitorio dos orphãos da Casa Pia, e antes da ida d'esse estabelecimento para Belem foram aquartelamento de tropa. Foi José Maria Eugenio quem os mandou destapar.

Com esta parte communica a sala que servia de bibliotheca do mosteiro. Fica por cima da sacristia e tem a mesma fórma.

Era muito valiosa a livraria, tanto pela quantidade como pela qualidade dos livros que encerrava.

Já dissemos que a maior parte d'elles foram removidos para a bibliotheca publica depois do extincção dos frades.

Os que ficaram constituem hoje o fundo da bibliotheca da Casa Pia.

Pertencia ao mosteiro uma riquissima biblia manuscripta e illuminada em Italia, que se encontra hoje na torre do tombo.

Foi legada em testamento por D. Manuel.

Levou-a Junot para Paris, e ficou sonegada por elle durante muitos annos. Depois de sua morte voltou a Portugal aquella preciosidade, em virtude de reiteradas instancias do embaixador portuguez.

Ainda outras obras valiosas pertenciam ao mosteiro, taes como o *Mestre de Sentenças,* escripto e illuminado em 1494, um breviario de D. Catharina, e as *Horas canonicas* por onde rezava D. Sebastião, ambos ricamente illuminados.

Na parte opposta, e por cima do refeitorio, havia a chamada *casa do noviciado,* hoje transformada em dormitorio dos orfãos.

Pegado com este claustro, para o norte, começou a construir-se outro, de que ainda ha poucos annos existiam vestigios bem evidentes.

Annexo ao mosteiro havia e ainda ha, uma extensa cerca, abundante de boas aguas, applicada agora a campo experimental da Escola Agricola creada na Casa Pia.

Existem na cerca duas capellinhas: Da que se encontra no alto, dedicada a S. Jeronimo, já fallámos.

A meia encosta está a outra, chamada do Santo Christo. E' pequenina mas extremamente pittoresca.

A sua construcção é muito posterior ao mosteiro, mas não temos indicio da época em que foi feita.

Muitas outras lacunas encontrámos para a feitura d'uma historia particularisada do venerando mosteiro. Todavia aqui deixamos n'estas paginas uma resenha de tudo o que mais importante nos appareceu em nossas longas investigações.

Fica ainda largo campo aberto a futuros investigadores.